

SE A MACUMBA É PARA O BEM, ENTÃO É BOACUMBA: ANÁLISE MORFOPROSÓDICA E SEMÂNTICO-COGNITIVA DAS SUBSTITUIÇÕES SUBLEXICAIS EM PORTUGUÊS

*Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ/CNPq)**

*Katia Emmerick Andrade (UFRJ)***

*Maria Lucia Leitão de Almeida (UFRJ)****

RESUMO: Neste artigo, analisamos a produtividade lexical e a criatividade lexical no processo morfológico denominado substituição sublexical (SSL) (Dobrovolsky, 2001; Almeida e Gonçalves, 2007), também chamado de analogia (Basílio, 1997) ou de reanálise (Gonçalves, 2005a). A SSL é tratada como construção gramatical, tendo o pólo formal descrito com base na Morfologia Prosódica (McCarthy e Prince, 1998) e o pólo semântico analisado a partir da abordagem da Linguística Cognitiva (Goldberg, 1985; Lakoff, 1987; Croft & Cruise, 2004).

PALAVRAS-CHAVE: analogia, construção gramatical, substituições sublexicais.

PALAVRAS INICIAIS

Analisamos, neste trabalho, as construções morfológicas denominadas de substituição sublexical (DOBROVOLSKY, 2001; ALMEIDA & GONÇALVES, 2007), também chamadas de analogia (BASÍLIO, 1997) ou de reanálise (GONÇALVES, 2005a). Por esse processo, reinterpretem-se formas linguísticas, de modo a promover uma sequência não-morfêmica à condição de base ou afixo, a exemplo do que ocorre, nesta ordem, com ‘boacumba’ (< ‘boa’ + ‘macumba’ = “macumba branca”) e ‘tricha’ (< ‘tri’ + ‘bicha’ = “homossexual exageradamente afetado”). A formação dessas palavras revela criatividade no uso da língua e sua força expressiva resulta (a) da expansão de significados e (b) do inesperado que se consegue com a combinação.

Compreendemos a substituição sublexical como processo distinto do cruzamento vocabular (‘bestarel’ < ‘besta’ + ‘bacharel’ = “bacharel antipático”; ‘pãe’ < ‘pai’ + ‘mãe’ = “pai zeloso como mãe”). Nas substituições sublexicais, ao contrário do que ocorre nos cruzamentos, uma palavra – por conta da relação formal e semântica que parte dela mantém com outra – é entendida como morfológicamente complexa e, conseqüentemente, reestruturada em função dessa identidade.

* Professor Associado do Departamento de Letras Vernáculas/ Pesquisador Nível 2. E-mail: carlexandre@bol.com.br

** Doutoranda do Departamento de Letras Vernáculas. E-mail: kemmericka@yahoo.com.br

*** Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas. E-mail: marialuciala@yahoo.com.br

Em ‘comemorar’, por exemplo, a primeira parte do verbo (‘come’) é interpretada como se estruturasse a partir do radical de ‘comer’, já que comemorações remetem ao *frame* de festa: são eventos descontraídos em que normalmente se oferecem “comes e bebes”. A formação analógica ‘bebemorar’, já bastante consagrada pelo uso e catalogada no dicionário eletrônico Aurélio – séc. XXI, designa, expressivamente, uma situação de festejo regada a muita bebida. A criação desse vocábulo pressupõe reflexão sobre o significado das formas “concorrentes” (DOBROVOLSKY, 2001) ‘comer’ e ‘beber’ para alcançar o objetivo comunicativo pretendido.

Objetivamos, neste artigo, apresentar uma proposta de formalização e explicação da construção gramatical (CG) relativa à substituição sublexical, evidenciando as motivações semântico-pragmáticas pertinentes, aqui consideradas reflexos de operações no plano cognitivo. Também pretendemos demonstrar a relevância do processo de reenquadre semântico na relação entre a porção reanalisada na palavra-alvo e o novo produto.

Para tanto, lançamos mão do arcabouço teórico da Linguística Cognitiva (doravante LC) – mais especificamente das abordagens de Goldberg (1995), Lakoff (1987) e Fauconnier & Turner (2002). Para dar conta do polo formal, baseamo-nos na Morfologia Prosódica (McCARTHY & PRINCE, 1998; GONÇALVES, 2009), evidenciando a importância de se especificar melhor o polo significante, já que as abordagens cognitivas se voltam, mais detalhadamente, para a descrição da contraparte semântica de construções gramaticais. O artigo se estrutura da seguinte maneira: na próxima seção, apresentamos o *corpus* utilizado na análise para, a seguir, definir melhor o processo e contrastá-lo com o cruzamento vocabular. Por fim, apresentamos nossa proposta de tratamento construcional para as substituições sublexicais, refletindo sobre as questões cognitivas envolvidas no fenômeno. Concluímos o texto mostrando que, nesse processo morfológico, há um pareamento exemplar entre os polos formal e semântico.

DEFINIÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* utilizado neste trabalho constitui-se de formações retiradas dos trabalhos de Gonçalves (2005a; 2006), Almeida & Gonçalves (2007), Basílio (1997; 2003; 2005), Andrade (2008) e Assunção (2006). Além dessas fontes, foram recolhidas palavras utilizadas em situações de fala as mais variadas: textos de jornais e revistas, conversações espontâneas etc. Em (01), a seguir, tem-se a relação completa das substituições sublexicais (doravante SSLs) a que tivemos acesso¹.

- (01) **autotrocínio, tiotrocínio, mãetrocínio** < paitrocínio (cruzamento vocabular)
bebemorar < comemorar
boacumba, boadrastra, boadrinha < macumba, madrastra, madrinha
bregoriano (canto brega) < gregoriano
baraticídio < homicídio, suicídio
bucetante < picante
cracolândia < Disneylândia

1. Vale ressaltar que apresentam padrão morfológico diferente das SSLs aqui analisadas os casos de “abmudo” e “abcego” (< absurdo), empregados na expressão “abmudo, abcego e absurdo”; e “ditabranda” (< ditadura), em que a sequência mantida na palavra resultante encontra-se alinhada à margem esquerda da palavra-base, razão pela qual as excluímos da análise. Também descartamos as formas “e-livro, e-book, e-comércio, e-faxina, e-autorizador (< e-mail)”, já em franco estágio de morfologização por prefixação.

drogonauta, cosmonauta, astronauta < aeronauta
enxadachim < espadachim
frátria, mátria < pátria
frambúrguer, chessbúrguer, fishbúrguer < hambúrguer
Lulagate, Irangate < Watergate
mãedrastra < madrasta
monocrático < democrático
monocelha < sobrancelha
 rejuvenelhecimento < rejuvenescimento
siteografia < bibliografia
sucolé, picalé < sacolé (cruzamento vocabular)
sucoína < cafeína
trêbado, tricha < bêbado, bicha
videasta < cinasta
zêbado, zilhão < bêbado, milhão

Como se vê pelo apanhado de dados em (01), as formas resultantes são aqui interpretadas como substituições sublexicais (SSLs) por envolverem incorporação de uma “palavra invasora” na chamada “palavra-alvo” (BAT-EL, 1996). A palavra-alvo apresenta porção fonológica que coincide com a encontrada num formativo e é a partir dessa identidade formal que se dá a incorporação. Desse modo, do ponto de vista morfológico, SSLs, ao contrário de cruzamentos vocabulares, como os listados em (02) a seguir, têm apenas um *input*:

- (02) cantriz (cantora + atriz = ‘cantora que atua’ ou ‘atriz que canta’)
 crionça (criança + onça = ‘criança muito rebelde’)
 portunhol (português + espanhol = ‘espanhol com traços de português’ ou vice-versa)
 crentino (crente + cretino = ‘evangélico com conduta religiosa duvidosa’)

Em ‘macumba’, *input* de ‘boacumba’, caso claro de SSL, a sequência ‘ma’ – que não apresenta qualquer *status* morfológico – é idêntica ao adjetivo ‘má’. A palavra invasora (‘boa’) é projetada a partir dessa porção não-significativa em ‘macumba’, levando consigo suas estruturas métrica e silábica. ‘Boa’ promove a sílaba ‘ma’ à condição de palavra, substituindo-a sublexicalmente, como se vê na representação a seguir, feita com base no instrumental de análise da Morfologia Prosódica (McCARTHY & PRINCE, 1998)²:

(03) (ma . cum . ba)_{MWd}
 (()_{MWd})_{MWd}
 |
 ((bo.a)_{MWd})_{MWd*}

2. Na representação em (03), amplamente utilizada em trabalhos que seguem a orientação da Morfologia Prosódica (McCARTHY & PRINCE, 1998), os pontos demarcam sílabas e MWd abrevia “Morphological Word” (palavra morfológica). MWd* é a convenção utilizada em referência à palavra morfológica complexa – aquela constituída de duas MWds.

Cruzamentos vocabulares não podem ser analisados como SSLs porque duas palavras constituem *input* à formação de uma terceira. No caso de ‘crentino’ (“falso crente”), por exemplo, as duas formas de base se entranham e a fusão não necessariamente se processa pela decomposição morfológica de uma das palavras-matrizes. Nos termos de Gonçalves (2005a: 151), cruzamentos *constituem produtos da junção de dois vocábulos em ‘planos alternativos’, ao contrário das formações analógicas, cujas bases operam em ‘planos competitivos’*. Nas SSLs, portanto, o alvo é apenas uma das palavras e a interseção das bases é ocasionada pela reanálise intencional da forma de *input*, como representamos em (03).

Do ponto de vista semântico-cognitivo, as SSLs caracterizam-se por apresentar nova perspectiva sobre a entidade que está sendo instanciada, enquanto cruzamentos muitas vezes rotulam novos referentes a partir de propriedades selecionadas dos *inputs* que lhes deram origem. É assim, por exemplo, com os casos de combinação truncada: ‘brasiguaio’ designa um tipo de brasileiro (ou paraguaio) que vive (ou trabalha) na fronteira entre os dois países; ‘camaronese’ nomeia um tipo específico de salada de maionese – aquela feita com a adição de camarões; ‘futevôlei’ é um jogo de vôlei jogado com os pés.

Desse modo, consideramos SSLs apenas os casos em que uma palavra-matriz é estruturalmente reanalisada e, em decorrência, apresenta um elemento morfológico “invasor” (BAT-EL, 1996) – seja ele base (‘boacumba’), afixo (‘tricha’) ou segmento (‘zilhão’) – projetado pela semelhança com outro no interior da nova forma resultante. A seguir, propomos uma abordagem construcional para as SSLs do português brasileiro.

ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

De acordo com Hjelmslev (1976), os componentes gramaticais são regidos por um mesmo princípio estrutural que organiza os elementos fonológicos, morfológicos e sintáticos, estabelecendo uma relação de dependência na articulação de duas unidades que contraem entre si uma dada função ao formar uma unidade superior. Assim, preservadas as especificidades inerentes às formações lexicais, o conceito de construções gramaticais, aplicado por Goldberg (1995) às construções sintáticas, pode ser efetivamente adaptado às morfológicas, com vêm demonstrando os vários estudos realizados no âmbito do NEMP (Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português) – cf., p. ex., Nascimento (2006) e Ferreira (2010), entre outros.

Goldberg (1995) defende que construções são unidades básicas da língua, em que forma e significado encontram-se indissociáveis, o que nos permite supor que a língua é constituída por um conjunto de construções gramaticais, presentes nos diferentes níveis da gramática: morfemas, palavras, sintagmas e expressões idiomáticas podem ser igualmente considerados construções.

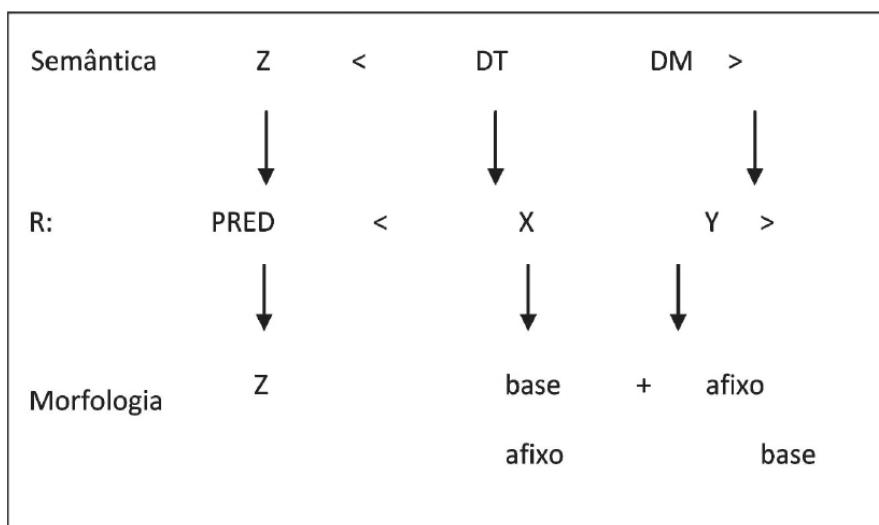
Do ponto de vista da LC, o processo de formação por SSL constitui uma construção gramatical (doravante CG) que deriva de uma CG básica, modelo integrante da derivação afixal em português, que sempre se caracteriza pela presença da cabeça lexical à direita. Prefixação e sufixação constituem mecanismos de ampliação lexical que se estruturam a partir do esquema DT-DM, com especificador à esquerda. A literatura morfológica (SPENCER, 1990; KATAMBA, 1993) destaca que prefixos e sufixos não diferem apenas na posição em relação à base, uma vez que prefixos (a) jamais modificam

3. Do original: “I claim that reason is a self-developing capacity. Kant disagrees with me on this point. He says it’s innate, but I answer that that’s begging the question, to which he counters, in Critique of Pure Reason, that only innate ideas have power. But I say to that, what about neuronal group selection? And he gives no answer.” (Fauconnier, 1997).

a categoria lexical da forma a que se adjungem, (b) nunca atribuem gênero, (c) não apresentam função expressiva de avaliação e (d) funcionalmente equivalem a advérbios e adjetivos. Sufixos, ao contrário, são cabeças lexicais por reunir uma ou mais características acima apontadas e, além disso, pela possibilidade de se agregar a bases presas e não equivaler a palavras prosódicas.

Entendemos, portanto, que palavras derivadas apresentam um modelo geral de estruturação morfológica. Na prefixação, a base (elemento à direita) constitui a cabeça lexical; na sufixação, ao contrário, a cabeça é o sufixo (elemento também à direita)⁴. Numa palavra derivada, construção XY do tipo DT-DM (determinante-determinado), X corresponde à posição do especificador, que pode ser uma base (nos casos de sufixação) ou um prefixo (nos casos de prefixação). Representamos esse padrão estrutural em (05), a seguir:

(05) Construção morfológica básica



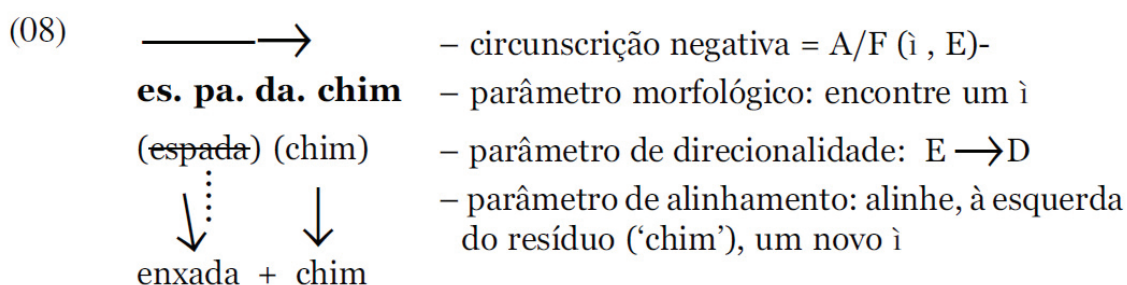
Voltando aos dados em (01), observamos que todos os casos de SSL apresentam esse padrão estrutural e não constitui obra do acaso o fato de o processo envolver a margem esquerda da forma de base – borda da palavra em que ocorre a substituição por elemento morfológico dito invasor. Acreditamos que as SSLs são criadas com base no modelo acima e, por isso mesmo, aqui interpretadas como construções que se caracterizam, nos termos de Goldberg (1995), como semiabertas, pois a nova construção se configura como membro da construção-base, formando rede em que é mantida a parte copiada. O *link* entre a construção básica e a de SSL é de instanciação, ainda de acordo com Goldberg (1995).

Sob esse enfoque, propomos, em (06) a seguir, a construção inicial do processo de integração conceptual de uma construção analógica genérica, por meio de uma representação similar à apresentada por Goldberg (*op. cit.*) para as construções sintáticas, onde Z = ampliação do significado evocado pela construção origem; X = significado presente no *frame* ativado pela parte da palavra relevada no processo e Y = resíduo aproveitado da construção de origem. A letra grega μ , convenção amplamente utilizada em estudos morfoprosódicos (McCARTHY & PRINCE, 1998), representa um elemento morfológico:

4. Por exemplo, em 'autoanálise', 'pré-vestibular' e 'refazer', os prefixos especificam a base, funcionando, portanto, como modificadores. Em 'jambeiro', 'teatrólogo' e 'bananal', ao contrário, são as bases que especificam, nesta ordem, a árvore, o profissional e o local de plantação. É nesse sentido que sufixos são cabeças de palavra morfológicamente complexa.

E)-, onde μ representa o morfema circunscritivo rastreado, a partir da borda esquerda (E) da palavra-matriz, pela função de parseamento (F) da construção analógica (A) através de escaneamento negativo (-). Dessa maneira, a sequência fônica circunscrita à esquerda será substituída por outra, por analogia, em função do processamento cognitivo detalhado mais adiante⁶.

O efeito dessa operação morfológica pode ser observado, em (08), no processo não-linear de formação de ‘*enxadachim*’ (< *espadachim*), exemplo de Guimarães Rosa analisado em Basílio (1997). Note-se que ocorre a substituição da sequência ‘espada’ por ‘enxada’, de modo a transferir o *glamour* e a *performance* do ‘espadachim’ às habilidades rotineiras do trabalhador rural que opera com enxadas:



Em (08), a função de parseamento A, instruída da tarefa de rastrear um morfema (μ) pela borda esquerda da forma de base (E), isola a sequência ‘espada’, separando-a, portanto, da terminação ‘chim’, o resíduo. Como a circunscrição é negativa (-), o material melódico mapeado é posteriormente apagado (daí o tachado sobre a palavra) e substituído por outro (nesse caso, ‘enxada’). A forma resultante, ‘enxadachim’, comporta-se como morfológicamente complexa (construção {base} + {afixo}), já que tanto ‘enxada’ quanto ‘chim’ acabam adquirindo *status* de morfema. Na forma resultante, ‘chim’ constitui metonímia formal de ‘espadachim’, uma vez que o neologismo pode ser interpretado como “espadachim de enxadas” e, por isso mesmo, acaba funcionando como cabeça lexical da nova formação.

SSLs frequentemente aparecem em jogos de palavras, muitas vezes a partir do contraste explícito com as formas que lhes deram origem. É o que ocorre, por exemplo, com a seguinte formação de Agamenon Mendes Pedreira (Jornal O Globo, 27/11/2005):

(10) ‘Mas isso é assunto para uma conversa, onde pretendo revelar detalhes picantes (e **bucetantes** também) da sociedade brasileira’.

Como mostram Gonçalves & Assunção (2009: 65), Agamenon (pseudônimo de Marcelo Madureira, da equipe Casseta & Planeta) emprega a palavra ‘picante’ como constituída morfológicamente da base {pica}, designação chula do órgão sexual masculino, e do sufixo {-nte}; em seguida, incorpora a palavra ‘buceta’, designação igualmente chula do órgão sexual feminino, criando um jogo de palavras que reforça o tom de ironia em relação aos escândalos de corrupção envolvendo o PT e o governo Lula nos anos 2004 e 2005. Esse é um exemplo bem representativo do efeito inusitado e, muitas vezes, jocoso (e cômico) que se consegue com a SSL. No texto, é clara a intenção do autor de denominar os escândalos envolvendo homens como ‘picantes’ e os envolvendo mulheres como ‘bucetantes’. Assim, ‘bucetante’ qualifica um episódio picante com celebridades do sexo feminino.

6. Por analogia, identificam-se semelhanças entre dois conceitos genericamente diferentes ou se estabelece uma relação, quer de semelhança quer de dessemelhança, entre dois conceitos afins.

Outra questão morfológica instigante nas SSLs é o fato de poder criar séries de palavras e, com isso, promover os elementos recorrentes à condição de afixos. É o que vem acontecendo com a sequência ‘trocínio’⁷. Ao que tudo indica, as formas em (09), a seguir, tiveram origem a partir do cruzamento vocabular ‘paitrocínio’ (< ‘pai’ + ‘patrocínio’ = “patrocínio pelo pai”). Podemos, por analogia, especificar, como se vê em (10), qualquer agente financiador do patrocínio pela substituição da sequência rastreada à esquerda da forma de base:

(07) **autotrocínio, tiotrocínio, mãetrocínio, avôtrocinio, irmãotrocínio**

(08) A/F (î , E)-
 →
 pai. tro. cí. Nio
 (**pai**) (trocínio)
 ↓
 mãe, tio, avô, irmão etc.

Situação semelhante vem ocorrendo com a sequência ‘-cídio’, já em franco processo de morfologização. Formas antigas em -cídio⁸ apresentam uma base presa na primeira posição, na qual se especifica o paciente da execução, a exemplo de ‘suicídio’ (“assassinato de si próprio”), ‘homicídio’ (“execução de outrem”) e ‘fratricídio’ (“matança de irmão”). Acreditamos que a grande maioria dessas bases não é reconhecida pelo falante comum, que, no entanto, por perceber a relação semântica entre formas X-cídio, cria, por analogia, palavras como ‘baraticídio’ (“matança de baratas”) e ‘burrícídio’ (“assassínio de ignorantes”). Essas novas formações revelam que SSLs têm o poder de atuar sobre formações eruditas, (1) nivelando bases opacas e transparentes (‘sui-’ e ‘burr-’) e (2) dando *status* de afixo a um radical preso (‘cídio’).

Além da formalização proposta para o fenômeno, pretendemos fornecer uma explicação plausível acerca (a) do processamento das relações entre concepções prévias e conceitos veiculados pelas chamadas formas “concorrentes” (DOBROVOLSKY, 2001); (b) das operações cognitivas ativadas; e (c) de como tais operações se interrelacionam na produção de um signo linguístico inédito, acrescido de nova informação, sem, contudo, deixar de fazer referência à anterior.

7. Acreditamos que essa operação esteja na base da criação de inúmeros afixos do português. Um caso claro de neo-sufixo é -ete, referenciado em Gonçalves (2005b). A palavra ‘chacrete’, amplamente utilizada na década de 1970, designando “a dançarina do programa do Chacrinha”, pode ter sido criada por analogia a ‘vedete’, forma morfológicamente simples, em que a terminação em questão não constitui sufixo. A criação de palavras em série parece ter projetado -ete à condição de sufixo, designando, hoje, não apenas a dançarina de X (em que X representa um nome próprio), mas também a tiete de X, a exemplo de ‘Malufete’ e ‘Lulete’.

8. Esse formativo é um radical latino que, originado do verbo ‘caedere’, “matar”, significa “morte, assassinio” nas formações chegadas ao português diretamente do latim.

HABILIDADES COGNITIVAS ATIVADAS NAS SSLS

Como vimos, uma SSL pressupõe a fragmentação de uma palavra-matriz e a conseqüente promoção de uma de suas partes à condição de base ou afixo por analogia. A habilidade cognitiva de observação/identificação capacita o falante a destacar, reconhecer e promover parte de uma palavra como signo linguístico passível de se referir a alguma entidade do mundo extralinguístico (objeto, processo, movimento, característica etc.), levando-o a representar os conceitos formulados por meio das características ou propriedades mais globais e unitárias do referente que o material fônico destacado, tomado como morfema, sinaliza. Sendo uma representação mental, esse novo conceito é acessado, o que pressupõe um escaneamento, na memória, das informações constituintes do conceito inferido.

Acessar, então, configura-se uma operação detentora de informações relativas ao novo termo a ser acentuado, similarmente à ativação de um *frame*. O item lexical *carnaval*, por exemplo, desencadeia vários *frames*: escola de samba, passistas, fantasia, desfile, cerveja, arruaça, descanso, casa de praia, blocos de rua, baile, enfim, uma série de informações e conceitos correlacionados aleatoriamente e dispostos, na mente, de modo não-hierarquizado. O falante, dependendo do seu conhecimento armazenado socioculturalmente, acessa e seleciona, dentre os conceitos disponíveis nos *frames* ativados, aquele que melhor designa o aspecto que foi relevado (focalizado) por ele dentro do evento acionado pela palavra-fonte. Aliás, o produto final da reanálise decorre justamente da reestruturação morfológica e conceitual de uma dada palavra, a partir da conceptualização que lhe oferece domínios de referência, cuja significação advém da ampliação e da complexidade desse *frame* à medida que mais informações são incorporadas. Isso mostra que as SSLs constituem pareamento exemplar do polo significante com o polo significado.

De volta às habilidades cognitivas envolvidas nas SSLs, a análise, por sua vez, é a responsável pela identificação da parte da palavra destacada pela seleção, de modo que, assim como essa mesma palavra é identificada em seu todo pela habilidade de observar, a habilidade de analisar desdobra a palavra pela decomposição estrutural e pelo reconhecimento de suas partes. Tendo sempre presente a estrutura da palavra-matriz, ao mesmo tempo se processa a seleção das informações pertinentes ao conceito analisado, bem como a seleção das informações correspondentes à classe gramatical e à flexão de gênero e número, conforme o caso, do termo a ser substituído.

Inversamente à análise, a operação cognitiva de síntese, que emana do simples para o complexo, possibilita a recontextualização das partes em um todo que supera as próprias partes isoladas, já que a organização do todo ultrapassa o significado das partes. No processamento cognitivo de reanálise, as habilidades de análise e síntese atuam simultaneamente, uma vez que a entrada das informações que constituem o conceito básico e o formado é canalizada pela análise, e o estabelecimento e a hierarquização das relações entre as partes são licenciados pela síntese, reconfigurando, assim, o todo em uma unidade de sentido.

Como já mencionado, relações de analogia são habilidades ligadas à capacidade de o falante perceber diferenças e reconhecer similaridades entre os conceitos acessados. Tais habilidades possibilitam isolar uma ou mais propriedades de um conceito pertencente a um domínio conceptual⁹ e contrapor essa(s) propriedade(s) a um outro conceito que figura em um mesmo domínio ou em

9. No âmbito da Linguística Cognitiva, os domínios abrangem diferentes formas de experiência humana (sociocultural, intelectual, sensorio-perceptual etc.) e distinguem-se em básico e não-básico. De acordo com Langacker (1987), são exemplos de domínio básico o espaço, o tempo e experiências como a percepção de cores, de sabor, de cheiro etc., comum a todos os seres humanos; e domínio não-básico qualquer tipo de conceptualização pertencente a qualquer tipo de experiência (física, sensorial, intelectual etc.).

outro domínio conceptual, buscando similaridades e diferenças. Nesse sentido, identificar e analisar são capacidades cognitivas que ativamos previamente, servindo-nos como verdadeiros suportes para as operações analógicas.

Sob o prisma de Fauconnier & Turner (2002), poderíamos sintetizar o processo cognitivo descrito no seu passo-a-passo como manifestações dos já famosos três ‘is’ da mente: a identificação diz respeito aos processos de reconhecimento; a síntese, à integração; e os vários produtos criados são fruto da imaginação do falante.

Desse modo, no processo de reanálise, subjaz um movimento pelo qual o falante estabelece um contínuo paralelismo entre domínio(s) conceptual(is), identificando as diferenças e semelhanças das informações que estão sendo associadas e daquelas já armazenadas, de maneira que possa interpretar o novo significado, a nova representação, e construir assim uma nova estrutura.

O estabelecimento de paralelismo constitui, na realidade, o processamento da analogia, operação cognitiva reconhecida por Fauconnier & Turner (2002) como básica à cognição humana, mas ainda de difícil modelagem¹⁰.

Podemos considerar que, em uma reanálise morfossemântica, ativa-se cognitivamente uma cena evocada pela palavra-base e, após reinterpretação da sequência rastreada pela operação morfológica formalizada em (07), associam-se os conceitos formados por essa sequência e por outro item disponível no conjunto lexical que remete ao significado global da forma-matriz, substituindo-a. Como vimos, a palavra ‘comemorar’ ativa uma cena de festejo e tal *frame* pode remeter a diversos outros (comida, bebida, música, dança, bate-papo etc.). Assim, a sequência selecionada, ‘come’, é reinterpretada e comparada a ‘bebe’, presente nessa rede de *frames*, dando lugar a ‘bebemorar’.

Como a analogia é resolvida por Fauconnier & Turner (*op. cit.*) como uma relação de papel-valor na mescla (integração conceptual), podemos entender então que, no *frame* de festa, o papel “atividade desempenhada” pode ser preenchido tanto por ‘come’ quanto por ‘bebe’ – elementos de valores equivalentes.

O mesmo ocorre com a SSL ‘boacumba’, formada a partir de ‘macumba’, termo genérico para os cultos afro-brasileiros, que, culturalmente, ativa uma ação empreendida para fazer “mal” a alguém. Ao criar ‘boacumba’, o falante seleciona a sequência fônica ‘ma’ e, por comparação, a opõe a ‘boa’, já que reconhece, para o papel “qualidade da atividade”, que os valores podem ser bom ou mau. Assim, ‘boacumba’ não chega a designar um referente totalmente inédito; ao contrário, remete ao referente original, acrescentando-lhe nova propriedade, já que é fruto de mescla. Podemos afirmar, então, que essas novas formações, por experimentarem alguma substituição segmental, sempre ganham semanticamente, uma vez que o referente original adquire propriedades inéditas e inesperadas, quando passa a ser representado por outra estrutura linguística.

Processo similar ocorre com a formação ‘boadrinha’: a sequência reinterpretada, ‘ma’, assume o valor de qualidade que passa a ser substituída pelo valor “boa”, atribuindo sentido ainda mais positivo ao termo ‘madrinha’. Em nossa cultura, esse termo referencia a pessoa a quem consideramos substituta de nossa própria mãe. Tanto é assim, que predicamos as fadas, “ser imaginário representado numa mulher dotada de poder sobrenatural” (AURÉLIO, dicionário eletrônico, sec. XXI), de fadas-

10. De acordo com os autores, “analogy became respectable again as a phenomenon (...) it was recognized that analogy posed a formidable challenge to both the modeler and the experimental psychologists” (FAUCONNIER & TURNER, 2002: 14).

madrinhas. O falante, com o intuito de intensificar a bondade de determinada ‘madrinha’, processa a reanálise da sequência ‘ma’ e, ao reinterpretá-la como uma base adjetival, contrapõe-na a ‘boa’, imprimindo gradação intensiva ao significado global da palavra-fonte.

Essa intensificação tanto pode ser imaginada a partir do conceito que se infere de toda a palavra-matriz quanto a partir da sequência selecionada, como nos casos de ‘zilionário’ (< ‘milionário’), ‘zilhão’ (< ‘milhão’) e ‘zêbado’ (< ‘bêbado’), em que o falante perspectiva o alfabeto como uma escala de gradação e substitui a primeira letra da palavra-fonte pela última do alfabeto, indicando que o conceito expresso pela construção básica foi intensificado ao máximo.

Cabe lembrar, aqui, a discutível¹¹ e interessante formação ‘mãedrastra’ (< ‘mãe’ + ‘madrasta’), que, talvez por envolver duas entidades em princípio antagônicas, admite mais de uma interpretação, dependendo de como o falante, ao construir o significado dessa formação, projete o valor e o papel dos referentes envolvidos, mediante, é claro, o contexto comunicativo. Caso atribua o valor de ‘mãe’ ao papel de ‘madrasta’, obtém-se uma interpretação positiva do termo: “uma madrasta tão boa quanto uma mãe”. Mas, se, ao contrário, imputar o valor de ‘madrasta’ ao papel de ‘mãe’, o termo adquire acepção negativa e passa a designar “uma mãe tão má quanto uma madrasta”.

Segundo Nascentes (1955), ‘madrasta’ vem da palavra latina *matrasta*, que, por sua vez, nasceu da forma depreciativa indo-européia *mater*. Daí o posterior surgimento, em português, da acepção negativa de *madrasta* como “mulher pouco carinhosa; ingrata, má” (cf. AURÉLIO, dicionário eletrônico, sec. XXI). Como o falante não mais reconhece os elementos componentes dessa palavra, ainda que a etimologia revele o seu traço de composição, interpreta-a agregando valor depreciativo a ‘ma’, como se fosse um elemento morfológico isolável, e, com o propósito de atribuir à criação analógica carga semântica positiva ou negativa, opõe os conceitos de ‘má’ e ‘mãe’, ambos disponíveis no *frame* acionado pelo termo ‘madrasta’, inserindo-lhe um novo e inesperado atributo.

De motivação diferente, mas também explicável pela analogia, tem-se a criação de Caetano Veloso, ‘frátria’, empregada na canção ‘Língua’:

[...] A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria,
tenho mátria
E quero **frátria** [...]

Por volta do século XVII, o padre Antônio Vieira cunhou o vocábulo ‘mátrio’ por analogia a ‘pátrio’ (cf. CUNHA, 1982: 488). Caetano, por sua vez, restaura os elementos de composição dessas palavras, respectivamente, matr(i) – (mãe) e patr(i) – (pai) e estabelece novas relações analógicas, opondo-os a fratr(i), de ‘fraterno’ (irmão) e dando origem ao vocábulo ‘frátria’, presente no mesmo domínio conceptual (FAMÍLIA).

11. Discutível porque tanto pode ser classificada como um cruzamento vocabular por entranhamento lexical quanto por substituição sublexical.

Consideremos, ainda, mais algumas análises, sob o ângulo de princípios já bem estabelecidos da Linguística Cognitiva (LC). Para a pessoa extremamente alcoolizada, o falante atribui o rótulo ‘trêbado’, em que a porção ‘bê’ passa a ser entendida como normal e ‘trê’, como excesso. Não se tem aqui nova propriedade, mas a intensificação dessa mesma propriedade. Assim, cria-se uma categoria radial, cujo centro irradiador é a palavra reanalisada. Estamos, aqui, face à questão que Croft & Cruise (2004: 96) denominam de “níveis (dinâmicos) de categorização”. Assumindo-se que a categoria básica seja “estágios de lucidez”, o item ‘bêbado’ se refere a quem está abaixo do nível neutro e, por isso, constitui categoria subordinada. O falante, ao reanalisar um elemento dessa palavra, ‘be’, estabelece *online* nova categoria que se caracteriza pela gradualidade: ‘bêbado’ < ‘trêbado’ < ‘zêbado’. A não-estabilidade categorial não constitui ideia nova em LC. Smith & Samuelson (1997: 163) defendem, apoiados inclusive em experimentos, que categorias fixas são um mito.

A conceptualização dinâmica de categoria parece ser, então, um dos aspectos relevante das SSLs. Por sua vez, a interpretabilidade das SSLs só se dá a partir do *frame* ativado pela inferência da palavra-alvo. Assim é que ‘bregoriano’ só pode ser entendido como integrando o enquadre específico fornecido por “canto gregoriano”. Sem acesso ao conhecimento enciclopédico que armazena tais informações, ‘bregoriano’ fica sem sentido.

Chegamos, então, às premissas, elencadas em Ferrari (2009: 14-24), que sintetizam com clareza os princípios assentados da LC. Focalizamos os seguintes:

- 1) significados linguísticos refletem processos de perspectivização;
- 2) o significado linguístico é baseado no uso e na experiência;
- 3) a natureza da gramática é dinâmica.

Como explicitado pela autora, o significado não é reflexo do mundo objetivo, mas do modo de organizá-lo por meio de visadas específicas. As SSLs mostram-se, então, como mais um recurso de estabelecer ponto de vista. Além disso, a necessidade da ativação do *frame* da palavra-alvo para a significação das SSLs evidencia a função do uso e da experiência para o processamento das formações linguísticas.

Como sublinha Ferrari (2009: 16), *a noção de frame acabou por exercer papel fundamental no modelo teórico denominado Gramática das Construções. A GC define as construções gramaticais como sequências de palavras ou morfemas estruturados de acordo com padrões sintáticos e semânticos específicos de forma não-derivada.* A autora destaca, ainda, que as CGs são signos linguísticos abstratos e que, definida uma determinada construção, é necessário haver compatibilidade entre o *frame* da construção e o dos itens que a instanciarão. Ora, o que estamos vendo até aqui é que há um compartilhamento de *frames* entre a palavra-alvo e as SSLs, o que reforça a existência de uma CG.

Por sua vez, os processos de categorização promovidos pelas SSLs evidenciam a natureza dinâmica da gramática, já que relevam propriedades mais ou menos salientes, favorecendo a construção de estruturas radiais. Exemplo esclarecedor é o do conjunto de SSLs que se referem a ‘patrocínio’, com realce de origem (‘pai’, ‘mãe’, ‘tio’), em que, devido à frequência de uso, pode-se postular ‘paitrocínio’ como centro prototípico.

O exame dos dados aqui contemplados se, por um lado, confirma a análise feita, por outro, evidencia que as relações criadas dentro das novas categorias são de (aparentes) naturezas diferentes e se valem de diferentes recursos linguísticos.

Do ponto de vista semântico, no interior de cada categoria formada por palavra-alvo e SSL, temos estabelecidas diferentes relações semânticas, como (a) oposição ('madrasta' / 'boadrasta'; 'macumba' / 'boacumba'), (b) gradualidade ('bêbado' / 'zêbado' / 'trêbado') e (c) equalização de fenômenos ('Irangate' / 'Lulagate'). Vimos que o que caracteriza a interpretação é o compartilhamento dos *frames*, o que remete diretamente ao princípio de que o significado é relativizado a cenas.

Do ponto de vista morfológico, ora se tem a intromissão de palavra inteira na forma-matriz ('enxada(chim)'; 'suco(ina)', 'mãe(drasta)'), ora de bases encurtadas ('astro', 'cosmo', 'drogo(nauta)'), ou mesmo de radicais ('reju(velh)ecimento'), inclusive eruditos ('frátr(ia)'). No processo, também se tem a incorporação de itens como 'mono' ('monocelha' / 'monocrático') que, ao se realizarem na nova palavra, resgatam o estatuto de morfema de radicais presos ('democrático') ou de formas em que a parte inicial apenas remete a uma palavra ('sobrancelha', frequentemente realizado 'sombancelha', em que a sequência inicial corresponde ao item lexical 'sombra'), completamente opacos para o falante, que lhes atribui, no contraste das duas formações, novos significados (para 'sombra', o duplo; para 'demo', o plural). O extremo desse fato é o uso de *z* como prefixo, que ganha estatuto de morfema também para referir o fim da escala do abecedário e dessa, a intensificação máxima da propriedade expressa na palavra em que é inserido ('zêbado', 'zilhão', 'zilhardário').

Portanto, a depender do modo como os *frames* envolvidos são ativados e os domínios conceptuais projetados, as CGs advindas de reanálise exercem a função de (a) imprimir uma qualificação inédita ao significado da construção-base, expressando a relevância dada a algum aspecto contrário à cena primitivamente ativada, como, por exemplo, 'boadrasta' e 'mãedrasta' (nas duas interpretações); (b) intensificar as propriedades veiculadas pela forma de base, como nos casos de 'tricha', 'boadrinha' e 'zêbado', por meio de formações escalares, ou, ainda, (c) estabelecer relações puramente analógicas entre os significados das formas concorrentes, a exemplo de 'bregoriano', 'autotrocínio', 'frátria' e 'rejuvelhecimento', entre vários outros. Em todos, vemos que o que autoriza tais substituições é a possibilidade de depreender um papel-função comum que possa tomar a sequência selecionada como um valor a ser substituído pela palavra invasora. Cabe ressaltar que o processo de SSL tem a característica fundamental de proporcionar expansão do conteúdo semântico da construção básica por meio de mescla conceptual, evidenciando as propriedades imaginativas da cognição humana, como bem ressaltado por Fauconnier & Turner (2002).

PALAVRAS FINAIS

Em linhas gerais, os produtos da SSL são, em relação ao referente que designam, mais predicativos que designativos, pois embora apontem, de certa maneira, para um novo referente, como qualquer neologismo, o fazem sem se distanciar do significado global da palavra básica, exercendo, por isso, uma função predominantemente atributiva, efeito da evocação do significado da palavra superposta no significado da construção-fonte.

Sabe-se que, para a LC, os fenômenos inerentes à linguagem emergem, sob a forma de padrões morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, da interação das capacidades cognitivas do ser humano com o mundo que o cerca. Portanto, as construções morfológicas oriundas de SSLs carregam um significado associado a um conceito lexical, que pode ser modelado por reenquadre analógico, em termos de projeção conceptual entre estruturas de conhecimento relativamente estáveis (domínios conceptuais e *frames*). Nesse processo de formação de palavras, o falante, com base na dinâmica ativação de conceitos disponíveis na memória, codificados pela linguagem e externalizados verbalmente, concretiza a nova forma vocabular por meio da adjunção de um conceito lexical, apropriado ao aspecto que deseja focalizar, ao resíduo segmental da palavra que lhe serviu de gatilho. O resíduo, por sua vez, através da criação de palavras em série, pode adquirir estatuto de afixo, a exemplo de ‘trocínio’ (‘avôtrocínio’, ‘tiotrocínio’ etc. < ‘paitrocínio’), ‘cídio’ (‘baratcídio’, ‘burricídio’ < ‘suício’) e ‘ete’ (‘angeliquete’, ‘guguete’, ‘paniquete’ < ‘vedete’).

A MORPHOPROSODIC AND COGNITIVE SEMANTICS ANALYSIS OF SUBLEXICAL SUBSTITUTIONS IN PORTUGUESE

ABSTRACT: In this paper, we analyse lexical productivity and creativity in morphological processes called sublexical substitutions (SSLs) (DOBROVOLSKY, 2001; ALMEIDA and GONÇALVES, 2007), also referred to as analogy (BASÍLIO, 1997) and reanalysis (GONÇALVES, 2005a). We argue that SSLs are grammatical constructions, and we describe its formal pole within the framework of Prosodic Morphology (McCARTHY & PRINCE, 1998), whereas its semantic pole is viewed from a Cognitive Linguistics perspective (GOLDBERG, 1985; LAKOFF, 1987; CROFT & CRUISE, 2004).

KEY WORDS: analogy; construction grammar; sublexical substitutions.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. L. L. & GONÇALVES, C. A. Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares em português. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, Faculdade de Filosofia da U.C.P., v. 11-1, p. 85-95, 2007.

ANDRADE, K. E. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

ASSUNÇÃO, F. P. *Cruzamentos vocabulares: efeitos expressivos e padrões estruturais na coluna de Agamenon*. Monografia de Especialização em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da FEUC, 28p. mimeo, 2006.

AURÉLIO – Dicionário eletrônico séc. XXI.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BASÍLIO, M. A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, 2005.

BASÍLIO, M. Cruzamentos vocabulares: o fator humorfológico. X Congresso da ASSEL-RIO. Rio de Janeiro, 35 p. mimeo, 2003.

BASÍLIO, M. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 1, p. 9-21, 1997.

BAT-EL, O. Selecting the best of the worst: the grammar of hebrew blends. *Phonology*, New York, vol. 13, n. 1, p. 283-328, jan./jul. 1996.

CROFT, W. & CRUISE, J. *Cognitive Linguistics*. Oxford: University Press, 2004.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DOBROVOLSKY, M. Malay blends: CV or syllable template? *Calgary Working Papers in Linguistics*, vol. 23, n. 1, p. 14-29, jul./dez.. 2001.

FAUCONIER, G. & TURNER, M. *The way we think. Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. V. *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso à tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009.

FERREIRA, R. G. *A hipótese de corporificação da língua: o caso de cabeça*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

- GONÇALVES, C. A. *Introdução à Morfologia Não-Linear*. Rio de Janeiro: Publit, 2009.
- GONÇALVES, C. A. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá* (UFF), v. 21, p. 219-242, 2006.
- GONÇALVES, C. A. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 14, n. 1, 2005a.
- GONÇALVES, C. A. *Flexão e derivação em português*. 1. ed. Rio de Janeiro: Setor de Publicações da Faculdade de Letras da UFRJ, 2005b.
- GONÇALVES, C. A. & ASSUNÇÃO, F. P. A humorfologia dos cruzamentos vocabulares em Português: análise da coluna de Agamenon, de o Globo. *Veredas* (UFJF), v. 13, p. 57-71, 2009.
- HJELMSLEV, L. *Sistema lingüístico y cambio lingüístico*. Madrid: Gredos, 1976.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. v. I: theoretical prerequisites. Stanford: University Press, 1987.
- McCARTHY, J & PRINCE, A. Prosodic Morphology. In: SPENCER, A. & ZWICKY, A. (eds.). *The Handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998, p. 212-219.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, v. II, 1955.
- NASCIMENTO, M. J. R. *Repensando as vogais temáticas nominais a partir da gramática das construções*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris. 1986.